

Uma ameaça: a imensa dívida norte-americana.

Mais dois economistas alertam para o risco de uma crise mundial na série que o JT extraiu da L'Express

Professor de economia da universidade de Osaka, Owao Nakatani manifesta com frequência sua inquietação quanto ao endividamento norte-americano.

"Os Estados Unidos já não controlam o nível de suas taxas de juros e são tributários dos investidores estrangeiros para o financiamento de sua dívida. No futuro, quando esses investidores, preocupados com o aumento da dívida americana e com o risco simultâneo de uma queda do dólar, evitarem os títulos públicos norte-americanos, as taxas deverão ser ainda aumentadas. E quem diz taxa de juros de dois dígitos, diz recessão. Para deter uma alta das taxas de juros que não mais domina, o governo americano deveria no próximo ano, se voltar para uma política expansionista, e portanto inflacionária. A situação dos Estados Unidos faz lembrar a da Inglaterra no início dos anos 30, quando o Banco Central não controlava mais sua taxa de juros devido aos enormes movimentos de capitais estrangeiros observados no mercado de Londres.

A não ser que os Estados Unidos mudem fundamentalmente sua política, receio que uma crise — sob uma forma ou outra — será inevitável. Os americanos poupam pouco. Entre 70 e 80% do déficit orçamentário dos Estados Unidos são financiados por não-americanos. Não é o presidente Reagan quem irá mudar essa orientação. Convém esperar que o novo governo reverte a tendência, notadamente reforçando o aspecto fiscal. Um candidato pode se apresentar diante do eleitorado defendendo uma alta dos impostos e eleger-se? É todo o problema da democracia. Não me sinto muito otimista quanto à capacidade de os Estados Unidos mudarem de política, reduzirem sua dívida, mesmo quando esta se aproximar de um US\$ 1 bilhão. A crise ocorrerá antes, quando investidores e especuladores, diante da vultosa dívida americana, procurarão desembaraçar-se do dólar. Uma turbulência nos mercados monetários, se for brutal, poderia então influenciar as bolsas, os in-

1929



ESTE DRAMA SE REPETIRÁ?

vestidores vendendo ações a fim de recuperar suas perdas cambiais."

Medo da recessão

Ex-economista-chefe da OCDE, perito do Instituto para a Economia Internacional,

em Washington, Stephen Marris é o autor do livro "Os Déficits e o Dólar: a Economia Mundial em Perigo" (ed. Econômica).

"Uma compração com a crise de 1929? O mundo não é mais o mesmo. O papel econômico central representado outrora pela Inglaterra desapareceu, em benefício de diversos centros. Desde então, a sofisticação da fiscalização dos mecanismos de mercado e a rapidez das reações aumentaram consideravelmente. Os financistas e os políticos aprenderam muito nestes 60 anos. Isso não significa que uma importante crise, no sentido moderno do termo, deva ser excluída. Muito ao contrário. Continuo convencido de que, daqui a um ano, uma recessão — prefiro esse termo ao de crise — se fará sentir a partir dos grandes centros ocidentais de atividade econômica. O 'milagre reaganiano', que jamais existiu, foi construído sobre um fluxo incomum de investimentos estrangeiros, atraídos por um dólar supervalorizado. A queda da moeda americana fará — e já está fazendo — secar essa fonte. Ora, metade do excedente de atividade registrado na Europa nos últimos anos deve-se à redução das exportações americanas, freadas por um dólar a 10 francos. As vendas americanas já estão se recuperando e só poderão constrear europeus e japoneses.

No setor interno, o pensamento econômico reaganiano rejeita sistematicamente qualquer medida considerada impopular. Exemplo: o aumento dos impostos, no entanto inevitável nos Estados Unidos. Não haverá, portanto, nenhuma mudança importante antes das próximas eleições presidenciais. Sob a condição de que a situação geral não piore antes desse momento. Esse bloqueio poderá levar os outros centros de decisão — Londres, Tóquio — a tomar a iniciativa."